



INTRODUZINDO A PERSPECTIVA DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA UMA EDUCAÇÃO NÃO DISCRIMINADORA¹

Alfrancio Ferreira Dias²

RESUMO

Esta comunicação tem por finalidade refletir sobre como as práticas escolares contemporâneas estão a educar os meninos e meninas para produzirem as diferenças, na tentativa de mostrar a necessidade de incluir o princípio da coeducação para ampliação das relações de gênero nas práticas educativas, bem como a diminuição das desigualdades no campo da educação. A opção metodológica recaiu na abordagem qualitativa, com um estudo de caso para a coleta de dados, a partir de aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas. Espera-se que esse trabalho desenvolva o pensamento crítico-reflexivo no que se refere à Educação não discriminadora, bem como que colabore para a articulação de conhecimentos interdisciplinares, envolvendo conhecimentos educacionais, acerca da diversidade de gênero, na busca pela produção de novos saberes educacionais.

Palavras-chave: Diversidade. Gênero. Trabalho Docente.

INTRODUÇÃO

A educação é uma instância que sempre se fez presente nas discussões e nas visões feministas em todo o seu contexto histórico, através das reivindicações do acesso à escolarização, na busca pela qualificação profissional e, principalmente, pela busca de poder, pois o ponto inicial de pensar o trabalho docente é visto, aqui, como um espaço de uma vivência concreta de relações sociais. A educação é necessária para equalizar as condições de vida, as relações entre homens e mulheres e as diferenças, promovendo a mobilidade social e melhor condição de vida (CRUZ, 2005). Contudo, cabe questionar como no processo de ensino, homens e mulheres estão sendo influenciados pelo contexto e experiências escolares, a

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq.

² Doutor em Sociologia. Professor do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre a Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEPING/UFFS); diasalfrancio@hotmail.com

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



partir da internalização de valores sexistas incorporados à mentalidade nacional que têm nos professores/as um dos seus principais veiculadores e reprodutores.

É necessário que o/a licenciando/a no processo formativo, bem como educadores/as que não tiveram acesso a esta temática, tenham consciência da existência dessa prática para que possam exercer criticamente sua atividade, em especial no que diz respeito à transformação do cotidiano da escola e ao questionamento das desigualdades de gênero.

É fundamental, portanto, um trabalho de formação sobre as questões das relações de gênero, da desigualdade social e da necessidade de seguir uma pedagogia dentro de um compromisso pela transformação da condição feminina. Conscientizar cursistas, graduandos/as e professores/as a terem com as crianças atitudes que não passem modelos sexistas, destinando a alunos e alunas as mesmas atividades ou cuidando para não reforçar por palavras e ações os modelos machistas.

Parte-se da premissa que a Universidade deve considerar a necessidade da participação ativa dos licenciandos em sua própria formação, tomando a *mediação* para elaborar e concretizar estratégias e dispositivos para a construção de aulas mais eficazes e contextualizadas, fortalecendo os caminhos da profissionalização docente. Portanto, se busca intensificar a tríade *ensino, pesquisa e extensão*, na *docência universitária*, a favor da aprendizagem significativa dos educandos, futuros egressos da graduação, como professores da educação básica. Nesse sentido, defende-se a relevância da opção do *ensino com pesquisa*. Seus estudos sugerem que a apropriação científica dos percursos de *aprender a realidade* possibilita mudanças nas relações com o mundo e com a sociedade.

Na Formação de Professores, a estrutura de práticas tradicionais, com características lineares, preestabelecidas por modelos canônicos prescritivos, onde os estudantes partem para as escolas para observar uma realidade que posteriormente irão reproduzir, mantendo assim uma ordem que vigora indefinidamente e se perpetua em suas práticas como docente. Do ponto de vista das abordagens críticas, as atividades práticas e teórico/práticas da Formação de Professores devem gerar a emancipação dos sujeitos envolvidos. Neste sentido, há

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



As diversas práticas escolares tendem a reproduzir a ideia do corpo como um *lugar* sagrado e íntimo, a fim de desassociar o desejo e o prazer das relações escolares. É bastante comum, entre professores e professoras, a dificuldade de lidar ou falar sobre o corpo, quando são confrontados com determinados assuntos, raramente argumentam sobre as formas que lidam com as representações das masculinidades e feminilidades em suas salas de aulas. Talvez, suas trajetórias familiares, escolares e sociais tenham lhes enviado a anular a representação das masculinidades e feminilidades, com isso, reproduzem a necessidade de avaliar, categorizar e educar os corpos de meninos e meninas para a anulação da sexualidade, com o pressuposto de que a sala de aula não é um lugar para a representação do desejo, mas sim, de negar o corpo.

Assim, na pesquisa questionamos: qual o lugar do gênero nas práticas pedagógicas das escolas de educação básica do município de Itabaiana/SE? Quais as principais atitudes e atividades das escolas para não reproduzirem as diferenças e desigualdades de gênero em suas práticas educativas da educação básica do município de Itabaiana/SE? Ou até mesmo, como estamos educando meninos e meninas nas escolas de educação básica do município de Itabaiana/SE?

Ao tentar responder essas indagações iniciais, essa comunicação pretende refletir sobre os resultados iniciais da pesquisa em andamento intitulada *Introduzindo a perspectiva de gênero na formação docente para uma educação não discriminadora*, financiada pelo CNPq através da Chamada MCT/CNPq/MEC/CAPES nº 43/2013, que de forma geral pretende, entre os anos 2013-2015, refletir sobre como as práticas escolares contemporâneas estão a educar os meninos e meninas para produzirem as diferenças, na tentativa de mostrar a necessidade de incluir o princípio da coeducação para ampliação das relações de gênero nas práticas educativas, bem como as desigualdades no campo da educação.

A pesquisa também objetiva, especificamente, analisar como professores e professoras traduzem políticas de equidade de gênero em práticas pedagógicas não-discriminatórias efetivas; verificar como vem se dando a inclusão da perspectiva de gênero na formação inicial e continuada dos professores e professoras;



nexos que estruturam as representações dos sujeitos participantes da pesquisa. Esse tipo de estudo almeja o aprofundamento de uma realidade específica, que integra o privado e o público, o micro e o macro, o individual e o coletivo, o objetivo e o subjetivo.

A pesquisa de campo está sendo realizada em escolas da Educação Básica no município de Itabaiana, no estado de Sergipe, bem como na Universidade Federal de Sergipe, Campos Prof. Alberto de Carvalho, situado na cidade de Itabaiana/SE. Estão sendo consultadas diferentes fontes de informação, com vistas a produzir conhecimento relativo ao objeto a partir de coleta de dados, tais como: documentos institucionais, estatísticas oficiais, questionários, entrevistas. A análise dos dados está sendo guiada pela análise de conteúdo (BARDIN, 2008).

A adoção do *conceito* de gênero no âmbito dos estudos de mulheres e feministas tornou o *gênero* como campo científico. O conceito de gênero é compreendido como um divisor de águas para outra fase distinta da primeira onda do feminismo, e anunciador, de certa forma, da valorização significativa do diferencialismo, da afirmação política das diferenças, dos processos identitários e de igualdades, ou seja, o conceito chama a atenção para a diversidade ou as *diferenças dentro da diferença* (DIAS, 2014).

Nessa linha de reflexão, defende-se o gênero como uma categoria de análise histórico-cultural (LAURETIS, 1994), estabelecida pela experiência (THOMPSON, 1981; SCOTT, 1991). Segundo Lauretis (1994, p. 212), a “construção cultural do sexo em gênero e a assimetria que caracteriza todos os sistemas de gênero através das diferentes culturas (embora cada qual de seu modo) são entendidas como sendo sistematicamente ligadas à organização da desigualdade social”.

Joan Scott também contribui para a fundamentação dessa perspectiva, visto que considera o gênero como “um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 42). Assim, o gênero é visto como uma categoria explicativa para a análise histórico-cultural, pelo fato de que sua elaboração situa-se no conjunto das relações sociais, nas construções dessas relações e nos processos culturais vivenciados pela sociedade. Desse modo, as identificações de homens e mulheres são um produto

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



fenômenos, a fim de integrar (micro/macro, estrutura/sujeito) ao processo das relações sociais e, principalmente, na análise do desenvolvimento social.

Se, na sociedade, o conceito de gênero como construção social foi entendido através de um processo lento, influenciado fortemente pelos debates feministas; no contexto educacional, o sexo como um dos elementos para entender as novas conjunturas do trabalho docente é questão incorporada não há muito tempo. Em conformidade com essa linha de reflexão, Louro (2010) ensina que algumas questões centrais das práticas educativas – como a produção das diferenças e das desigualdades sexuais de gênero, bem como as articulações com os outros marcadores sociais (raça, etnia, classe) – estão no bojo do debate acadêmico. A instituição escolar é um espaço privilegiado de socialização, nela recebe especial atenção o modo como os sujeitos, em relações sociais atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, vão construindo suas identificações, (re)construindo seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e estar no mundo.

A emergência dessa discussão em Louro (2010) surge no texto *A escolarização dos corpos e das mentes*, no qual ela afirma que, quando a escola delimita “espaços”, a construção de sentidos e os significados são, por natureza, influenciados.

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. Atentas/os aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados – portanto, não são concebidos – do mesmo modo por todas as pessoas (LOURO, 2010, p. 59).

Embora se perceba o trabalho de socialização desenvolvido no cotidiano das instituições escolares, este é constituído de um processo de “doutrinação” do espaço/tempo pensado para atender as características masculinas e femininas dos sujeitos que constituem o cotidiano escolar. Formas de comportamentos corporais,

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



socialmente são “vítimas de discriminações e preconceitos, a exemplo das pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros. Desse modo, diferenças têm sido transformadas em desigualdades” (CARVALHO; ANDRADE; MENEZES, 2009, p. 12). Nas práticas educativas, esses estereótipos também são valorizados e, em alguns casos essas diferenças se tornam desigualdades nas salas de aula, aos que não se adaptam, a sala de aula sempre acaba sendo um lugar de preconceito e de pouco enfrentamento da diversidade.

Seria preciso criar novas e múltiplas formas de lidar com a escolarização de meninos e meninas (CARVALHO, 2012), para pensarmos para além da doutrinação ou anulação dos comportamentos masculinos e femininos nas práticas escolares. Um caminho interessante para a diminuição das discriminações e desigualdades nas salas de aula seria uma prática pedagógica a partir da perspectiva da co-educação.

Particularmente, nessa pesquisa, as ações buscam articular o ensino à pesquisa e à extensão, para superar a visão fragmentada da ação docente no sentido de potencializar os alunos para ações que promovam mudanças tanto na formação do aluno da escola básica, como nos licenciados formados pela Universidade, através de atividades teórico-práticas, divididas em módulos teóricos e com práticos (Técnicas de dinâmicas de grupo na perspectiva de gênero). Assim, as principais contribuições científicas da proposta são: a) a aproximação dos estudantes da graduação da UFS, a escola e a comunidade de uma abordagem científica de análise e discussão do tema Gênero, partindo das problemáticas sexistas, assim como desigualdades de gênero; b) a conscientização dos/das graduandos/as e dos/das professores/as da educação básica sobre sua importância enquanto agentes transformadores na sociedade e, em especial, nas relações de gênero; c) levar os/as graduandos/as e os/as professores/as da educação básica a entenderem que a educação não é neutra e transmite valores que servem para reforçar desigualdades como as de gênero; d) contribuir para o melhoramento das condições de formação e de capacitação dos/as graduandos/as e dos/as professores/as da educação básica para o desenvolvimento de uma educação não sexista; e) contribuir para a eliminação de todos os preconceitos sexistas na escola

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



e, conseqüentemente, na sociedade; f) aproximar os investigados da discussão de desigualdade de gênero; g) desenvolver atividades na comunidade que evidenciem a importância e a necessidade da igualdade de gênero no interior das escolas.

Conclusões preliminares

O Curso de Pedagogia do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, sediado no Departamento de Educação (DEDI) tem atualmente cinco (05) turmas, com um total de 250 estudantes. O Departamento de Educação (DEDI) conta atualmente com cinco grupos de pesquisas cadastrados no CNPq (GEPIADDE, GEADAS e GEPPIP), todos com projetos de pesquisas e/ou extensão em andamento. A equipe de professores e professoras do departamento é composta por dezesseis (16) docentes efetivos, quatorze (14) doutores/as, duas (02) mestras e duas (02) professoras temporárias. O Departamento tem buscado consolidar esforços para a qualificação contínua do processo formativo do seu corpo docente, conforme as prerrogativas expostas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores/as. Para isso considera-se a necessária articulação entre ensino, pesquisa e extensão, prevendo a realização de atividades dessas múltiplas dimensões no seu projeto Pedagógico, tais como atividades de iniciação à docência, monitoria, extensão, pesquisa, entre outras.

Em 2013, o DEDI elaborou o projeto para o Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, intitulado *Leitura, diversidade e ludicidade na formação docente: desafios para a educação*, por acreditar que a formação docente implica em considerar a interrelação dessa formação com temáticas atuais, tais como a diversidade e a inclusão (étnico-racial, de gênero e sexualidade, necessidades educacionais especiais), questões relativas à leitura e o letramento e o lúdico educativo, entre outras. Nesse contexto, consideramos a importância da inclusão dessas temáticas nas interações com o cotidiano escolar e suas práticas, estabelecendo a articulação entre os quatro eixos que compõem este subprojeto, a saber: Diversidade e Inclusão; Leitura e Letramento; Formação de Professores e

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



No que concerne aos resultados qualitativos tem-se: o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo no que se refere à Educação não discriminadora, suas interfaces e perspectivas teórico-metodológicas; o desenvolvimento teórico do Licenciando-bolsista para que ele se prepare para vivenciar práticas artístico-pedagógicas ressignificando a sua experiência discente; a produção do livro para a formação dos cursistas das ações de nossa extensão. Já no que se refere aos quantitativos, temos a formação de uma bolsista sobre a temática de gênero, diversidade sexual e etnicidade; a formação de outros 21 alunos sobre a temática de gênero, diversidade sexual e etnicidade, a partir da participação no grupo de estudo; além da elaboração e publicação de um livro para as atividades teórico-práticas.

As ações do projeto estão sendo importantes para a inclusão das temáticas de gênero, sexualidade e relações étnicas na atual reformulação curricular do curso de Pedagogia, visto que essas temáticas ainda estão ausente no currículo do curso, estando apenas nas discussões dos grupos de pesquisas, nos projetos de pesquisa e de extensão desenvolvidos pelos/as professores/as, ou bianualmente, quando acontece o Fórum Identidades e Alteridades organizado pelo GEPIADDE, grupo de pesquisa que se volta para a discussão da formação docente para a diversidade.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marília Pinto de. **Diferenças e desigualdades na escola**. Campinas: Papyrus, 2012.

CARVALHO, M. E. P. de; ANDRADE, F. C. B. de; MENEZES, C. S. de. **Equidade de gênero e diversidade sexual na escola: por uma prática pedagógica inclusiva**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2009.

CRUZ, Maria Helena Santana. **Trabalho, Gênero, Cidadania: Tradição e Modernidade**. São Cristóvão: UFS, 2005.

